

## ENSAIO SOBRE AS DISTINÇÕES ENTRE ORGANIZAÇÕES GUERRILHEIRAS E TERRORISTAS

3º Of. Int. Carolina Souza Barcellos  
Abin

Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, muitos países passaram a rever seus conceitos para a classificação de uma organização como terrorista. Esse revisionismo, motivado não só pelo temor como também pela melhor compreensão da problemática contemporânea, fez com que muitos países reavaliassem o *status* de diversos grupos extremistas em atuação no mundo. Apesar de esse processo de conceituação denotar um viés científico à discussão da tipologia desse ilícito, as diferentes definições de terrorismo adotadas pelos países respondem mais às demandas políticas e estratégicas de cada Estado que ao consenso acadêmico sobre o assunto.

Entre os países que alteraram a classificação de alguns grupos extremistas encontra-se a Colômbia, que passou a considerar como organizações terroristas os grupos guerrilheiros que assolam o país, aliando, assim, sua classificação à estadunidense. O Brasil não adotou essa política e manteve a definição de guerrilha para grupos dessa natureza, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o Exército de Libertação Nacional (ELN).

A redefinição de conceitos em diversos países, apesar de parecer bastante acertada, suscitou dúvidas sobre quais fatores distinguem movimentos guerrilheiros de uma organização terrorista. Ou ainda, se esses dois tipos não seriam apenas formatos variados de uma mesma realidade. Este pequeno ensaio tem por objetivo oferecer uma reflexão sobre esse debate e tentar apre-

sentar alguns conceitos teóricos que estariam por trás da decisão brasileira de manter a classificação de grupos como as Farc como guerrilha. Nesse sentido, serão apresentados os principais pontos que diferenciam um grupo guerrilheiro de uma organização terrorista.

Entre os indicadores que distinguem guerrilha de terrorismo, talvez o mais proeminente seja o relativo a sua organização interna. Os grupos guerrilheiros utilizam uma estrutura militarizada com hierarquias definidas e com arcabouço de comando piramidal. Em outras palavras, os militantes iniciam suas carreiras nos postos mais baixos da hierarquia “militar” do grupo, como combatentes, e ascendem segundo critérios de tempo e excelência, tal como em um exército regular. Os combatentes são divididos em frentes e blocos que se assemelham à organização militar de pelotões, companhias e batalhões. As guerrilhas organizam sua campanha armada de modo que cada frente atinja objetivos específicos próprios, mas que correspondam ao planejamento estratégico definido pelo comandante-geral.

Em um exército regular, há especializações técnicas entre os diferentes segmentos da Força para atender a necessidades e formas de emprego tático específicos. Essa mesma lógica de especialização tenta ser reproduzida em algumas frentes e blocos da guerrilha<sup>1</sup>. Do mesmo modo que em um exército, as diferentes operações táticas estão vinculadas a uma linha de comando única e estratificada. Em certa medida, a utilização de hierarquia “militar” acaba sendo fundamental para a organização de uma guerrilha. Isso porque um grupo guerrilheiro é formado por quantidade de militantes<sup>2</sup> difícil de se articular na ausência de um comando centralizado.

---

<sup>1</sup> As Farc, por exemplo, têm frentes especializadas em ações “militares”, de seqüestro, de logística, de finanças etc.

<sup>2</sup> Atualmente, acredita-se que as Farc tenham em suas fileiras, cerca de 17 mil guerrilheiros; para o ELN, as estimativas são de cerca de 4 mil militantes.

Enquanto as guerrilhas se organizam sobre uma estrutura militar hierarquizada, não há uma estrutura organizacional comum aos distintos grupos terroristas. Uma forma cada vez mais empregada é de células descentralizadas, compostas de poucos membros, que realizam ações coordenadas por uma liderança central. Entretanto, não há uma hierarquia clara e definida entre as células que participam, direta ou indiretamente, de um atentado ou de sua preparação. Enquanto as guerrilhas procuram se aproximar ao máximo da estrutura militar de comando e obediência, as organizações terroristas não compartilham de um tipo preferencial de estrutura organizacional.

Outra diferenciação comumente apontada para distinguir guerrilha de terrorismo baseia-se na atuação operacional. A guerra de guerrilhas é um tipo de combate usualmente empregado em conflitos assimétricos ou por exércitos regulares, quando se deseja aplicar uma técnica que proporcione à tropa grande agilidade e mobilidade no terreno. Essa tática é, por excelência, a mais executada por organizações como as Farc, e consiste em atacar, em ações rápidas, tropa regular em momentos em que se acham vulneráveis. Após o ataque, a organização guerrilheira abandona o local o mais rapidamente possível para evitar um contra-ataque. Além desse tipo de ação, as guerrilhas atuam ainda em assassinato seletivo de autoridades, seqüestro e ações terroristas.

Os movimentos insurgentes apresentam quatro linhas operacionais claras, sendo a ação guerrilheira a essencial, ao passo que as organizações terroristas possuem apenas uma: a disseminação indiscriminada do pânico. Com essa tática, as organizações terroristas procuram criar, na população, a sensação de que o Estado é frágil frente à ameaça e de que não é capaz de garantir a paz social. Nesse sentido, as organizações terroristas procuram utilizar esse sentimento de impotência do país para dobrar os governos a seu favor.

Essa distinção de *modus operandii* acaba refletindo também nos alvos principais de cada uma dessas organizações. Enquanto as guerrilhas alvejam preferencialmente instalações militares, exér-

bitos regulares, autoridades públicas e infra-estruturas físicas, os terroristas optam pela população civil, normalmente de forma indiscriminada. O ataque à população civil é fundamental para que a tática de disseminação do medo tenha sucesso. Nesse sentido, quanto mais violento e inusitado um ataque, maior será sua capacidade de disseminar o caos. Devido a esse tipo de atuação, as organizações terroristas não costumam contar com apoio da população civil, considerada alvo do grupo.

Os dois tipos estudados também se diferenciam quanto ao apoio da população. No início de sua formação, um movimento guerrilheiro necessita do apoio, ou pelo menos da não-rejeição da população, ao passo que uma organização terrorista independe desse quesito para seu nascimento e manutenção. Por esse motivo, não é interessante, política ou estrategicamente, para um movimento guerrilheiro empreender ataques indiscriminados contra a população civil.

Outro aspecto de distinção oriundo dos *modus operandii* singular a cada tipo de organização é a questão espacial que existe no cerne dos grupos guerrilheiros e não apresenta a mesma relevância para as organizações terroristas. A guerra de guerrilhas é uma luta armada com avanço territorial, em que o espaço é gradualmente conquistado, ocupado e defendido pelas tropas guerrilheiras. Em contrapartida, as organizações terroristas não se empenham na busca de avanço territorial. Mesmo grupos terroristas de viés separatista, como o Irish Republican Army (IRA) e a Euskadi Ta Askatasuna (ETA) – que, em basco, significa Pátria Basca e Liberdade –, não utilizaram o avanço territorial físico de frações armadas, como o fazem as Farc e o ELN na Colômbia.

As guerrilhas também apresentam outra característica militar não compartilhada pelos grupos terroristas: a utilização de uniformes e armamentos convencionais<sup>3</sup>. Além de usarem farda para a identificação da organização como um grupo beligerante regular,

---

<sup>3</sup> Por armamentos convencionais compreende-se a utilização de armamento comum aos utilizados por exércitos regulares, tais como, fuzis, metralhadoras, morteiros, granadas, minas terrestres etc. Em outras palavras, as guerrilhas praticamente não empregam artifícios como ataques suicidas.

os guerrilheiros adotam armas de combate militar, como fuzis, granadas, morteiros etc. Essa escolha é feita porque a guerrilha pretende ser uma organização armada representante dos interesses de uma parcela da população; logo, sua identificação como grupo (por meio de uniformes, hinos, insígnias etc.) acaba sendo fundamental para sua formação e propaganda de sua força. Além disso, como seus alvos preferenciais são militares, visto se considerarem “militarmente” capazes de enfrentar o aparato militar do Estado, é necessária a utilização de armamento convencional para que seu esforço de guerra possa obter sucesso.

Contrariamente a essa lógica, os membros de uma organização terrorista não buscam sua identificação com uniformes e afins, nem empregam armas convencionais de uso militar. Uma característica marcante do terrorismo é a ausência de rosto. Qualquer um pode ser um terrorista. O trunfo do terrorismo é justamente tentar mostrar a impotência do Estado frente a seus atos; assim, um terrorista não pode atuar devidamente identificado, como normalmente o faz um guerrilheiro. Além disso, como o *modus operandii* desse tipo de organização busca disseminar o medo, as armas militares de uso regular não seriam as mais adequadas para espalhar o caos na população.

As organizações terroristas e guerrilheiras compartilham a motivação ideológica<sup>4</sup> como fator preponderante para formação e manutenção do grupo. Em outras palavras, o que impulsiona os integrantes desses movimentos é a crença de estarem atuando em prol de um objetivo que consideram nobre. Apesar dessa intercessão, o objetivo almejado não é comum. As guerrilhas buscam o poder político. Seu objetivo é obter o poder pela força e instaurar um novo governo. A criação de um novo país, por meio de um movimento separatista, não é um objetivo que perpassa diferentes movimentos guerrilheiros, porém a conquista de poder político é o foco central da ação armada desses grupos. As organizações terroristas, por sua vez, não compartilham um objetivo comum.

---

<sup>4</sup> A motivação ideológica é entendida aqui em seu sentido amplo, isto é, a ideologia é vista como o conjunto de idéias que os indivíduos possuem para compreender o mundo. Nesse sentido, a ideologia serve a princípios políticos tanto de esquerda quanto de direita; a princípios tanto teológicos quanto seculares.

Enquanto existem grupos com caráter separatista (IRA e ETA<sup>5</sup>), há os que pregam a destruição de um inimigo (Al-Qaeda) e, ainda, os de viés apocalíptico (Aum Shinrikyo).

Por fim, guerrilha e terrorismo também diferem quanto à fronteira de atuação. Os movimentos guerrilheiros normalmente restringem sua ação aos limites territoriais do país que pretendem reformar. Já as organizações terroristas não costumam se limitar às fronteiras internacionais existentes.

A diferenciação conceitual dos dois tipos de ilícitos tratados nesse ensaio procura elencar algumas das distinções mais amplamente difundidas e apresentá-las como ponto de partida para uma reflexão mais ampla. Ter uma percepção clara dos elementos que aproximam e distanciam esses grupos extremistas é fundamental para a compreensão dos dois fenômenos, guerrilha e terrorismo. Independentemente da classificação adotada por cada país, sem uma compreensão vívida das particularidades que envolvem organizações guerrilheiras e terroristas, o Estado torna-se incapaz de defender-se dessas ameaças.

## Referências:

- CLUTTERBUCK, Richard. **Terrorism and guerrilla warfare**. London: Routledge, 1990.
- FERRY, Dobbs. **Terrorism: documents of international and local control**. New York: Oceana Publications, 2001.
- PONTES, Marcos Rosas Degaut. **Terrorismo: características, tipologias e presença nas relações internacionais**. 1999. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 1999.
- STERN, Jéssica. **Terror em nome de Deus: porque os militantes religiosos matam**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- THACKRAH, John Richard. **Encyclopedia of terrorism & political violence**. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.
- WARDLAW, Grant. **Political terrorism: theory, tactics, and counter-measures**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

\* \* \*  
**EM DEFESA DO BRASIL**

---

<sup>5</sup> Cabe ressaltar que tanto o IRA quanto o ETA são grupos católicos.